

humanitas

Vol. XLVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLVI • MCMXCIV

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA

DOS DOUTORES WALTER DE MEDEIROS E MANUEL PULQUÉRIO



la política ciceroniana» (III.1); «La razón, fuente de la elocuencia ciceroniana» (III.2); «La razón, fuente de la obra literaria ciceroniana» (III.3).

Verdade seja que uma tal atitude em nada desmerece o valor do trabalho de A. G. Schmidt, mais determinado em marcar a relação entre os textos que exprimem o pensamento filosófico do Arpinate e a sua formação retórica, do que em analisar os resultados da sua produção retórica, nomeadamente os discursos.

Não são estes, com efeito, que estão na base da lúcida análise que ao longo do livro se vai fazendo, mas sim os vários produtos da reflexão filosófica, transversalmente percorridos pelo estudo de A. G. S. As simples citações o demonstram: as obras mencionadas em rodapé são, quase exclusivamente, os tratados filosóficos.

A ambas as vertentes da acção de Cícero — a retórica e a filosofia — subjaz o modo «magistral» como maneja «la más noble y poderosa de las armas, la única digna de alta condición con que fue generado: la palabra» (p. 64). É através da palavra que se manifesta a imprescindível supremacia da razão sobre o instinto (p. 65).

O objectivo do trabalho parece ser, portanto, a afirmação do modo como a eloquência de Cícero, exercida com especial mestria, permite ordenar o seu pensamento através de toda a obra que produziu.

Foi o primado da eloquência que lhe orientou a actividade política, erguida ao papel de «máxima conciliadora de la sociedad humana» (p. 162); ela subjaz ao exercício das mais variadas disciplinas de pensamento (pp. 170-171); ela determinou o ecletismo de Cícero, na medida em que a sua preponderância era incompatível, seja com as teses epicuristas (p. 173), seja com os ideais estóicos (p. 174).

Mesmo na fase final da existência, quando se entregou, quase por inteiro, à reflexão e à escrita, só o comprovado domínio da eloquência — e da razão que lhe está subjacente — permitiram uma tão vasta e tão célere produção no domínio da filosofia (p. 222). Impossibilitado de servir a pátria no foro, Cícero superava as adversidades do presente através da palavra escrita e conferia a esta um alcance de todo em todo semelhante ao que, antes, lograva obter através da palavra falada (p. 226).

Em suma, a eloquência ao serviço da razão acaba por se converter em mais uma prova do ecletismo ciceroniano.

Poderá o livro de A. G. Schmidt pecar por não acolher com a devida atenção os mais recentes contributos para o estudo da retórica; poderá pecar ainda por não conceder à epistolografia um lugar de justificado relevo nesta sua análise que, assim, acaba por resultar um tanto lacunar; mas é inquestionavelmente uma lúcida reflexão sobre o peso da formação retórica do Arpinate na configuração de toda a sua actividade de pensador. E, nesse sentido, merece ser saudado.

CARLOS ASCENSO ANDRÉ

VENANCI FORTUNAT, *Poesies*, vol. I, Llibres I i II. Text revisat i traducció de JOSEP PLA I AGULLÓ, Barcelona, Fundació Bernat Metge, 1992, 207 p.

Venâncio Fortunato, de seu nome latino Venantius Honorius Clementianus Fortunatus, poeta cristão, nascido em Duplavilis, Treviso, no Vêneto italiano, na primeira metade do século VI, fez os seus estudos em Ravena, a capital que con-

centrava toda a tradição cultural do Ocidente. Paulo Diácono, na sua *Historia Longobardorum* (II.13) a ele se refere como educado e formado em Ravena, nos estudos de gramática, de retórica e de métrica, donde saiu bem instruído nestas matérias. No entanto, com grande humildade, é ele próprio que nos dá testemunho da modéstia do seu saber, na *Vita Martini*, a biografia de S. Martinho de Tours (I.26-35), de sua autoria. A peregrinação que empreendeu ao túmulo de S. Martinho de Tours tornou-o íntimo de S. Gregório, bispo desta cidade do Loire, que foi o responsável pela recolha e fixação escrita da produção literária de Venâncio Fortunato. Este, de trovador errante, como já foi considerado, ascende a bispo de Poitiers.

Ao desempenho do seu ministério episcopal se ligam as composições poéticas destinadas aos ofícios divinos. O culto da Santa Cruz e a devoção e culto à Virgem Maria são divulgados, na tradição cristã, através dos seus hinos. Entre eles, o hino *Vexilla regis prodeunt* (II. 6) e o *Pange, lingua, gloriosi proelium certaminis* (II.2) ambos em louvor da Santa Cruz (p. 181-182 e 175-176) e o *Quem terra, pontus, aethera* (VIII. 4), em louvor de Nossa Senhora, muito provavelmente também da sua autoria. Estes hinos figuraram na liturgia e nos ofícios religiosos durante séculos, pelo que deixaram marcas nas literaturas europeias, desde a poesia anglo-saxónica, à *Divina comédia* de Dante e à obra dramática de Gil Vicente. Refiro-me, no que toca ao nosso dramaturgo, ao *Auto de Mofina Mendes*, ao *Auto pastoril português* e ao *Auto da Alma*.

Venâncio Fortunato, pela temática descritiva, simbolismo e espiritualidade da sua obra pode ser considerado um expoente da latinidade entre os bárbaros e, a par de Ausónio e de Prudêncio, nos séculos IV e V respectivamente, um dos poetas medievais mais significativos. Assim se justifica a atenção que tem merecido dos estudiosos modernos: além desta edição comentada de Joseph Pla i Agulló, sai a lume no mesmo ano, sobre este autor a obra de J. W. George, *Venantius Fortunatus: A Latin poet in Merovingian Gaul* (Oxford, 1992).

A introduzir a edição crítica dos dois primeiros livros dos *Carminum libri undecim* de Venâncio Fortunato, Joseph Pla i Agulló apresenta, em catalão, uma grande riqueza de dados sobre aquele que costuma ser apontado como o último representante da poesia latina na Gália merovíngia. Compõe-se esta introdução de diversos capítulos (p. 9-54): 1. Infância e família de V. Fortunato; 2. Estudos em Ravena; 3. Precedentes da viagem à Gália; 4. A viagem à Gália; 5. Os lugares visitados por Fortunato; 6. O túmulo de S. Martinho; 7. Actividades e visitas; 8. Amizades; 9. Humildade de Venâncio Fortunato; 10. Bispo de Poitiers; 11. Juízos da posteridade sobre Fortunato; 12. A língua de Fortunato; 13. A métrica de Fortunato; 14. A obra de Venâncio Fortunato: poética, em prosa e espúria; 15. Lugar de Fortunato na História da Literatura; 16. Venâncio Fortunato, poeta de circunstância; 17. Carácter epigráfico de grande parte da obra de Venâncio Fortunato; 18. Os clássicos na obra de Venâncio Fortunato. Imitadores posteriores; 19. Fortuna da obra de Fortunato; 20. Cronologia das obras de Fortunato; 21. Problemas de autenticidade; 22. Os manuscritos; 23. Edições, antologias e traduções; 24. Agradecimentos.

Segue-se uma vasta e especializada bibliografia, que nos dá só por si a dimensão e profundidade dos domínios abordados. Desde o pormenor biográfico ao estudo da obra de Venâncio Fortunato, do ponto de vista textual, filológico e cultural, sem esquecer o domínio da métrica, a presente edição de Josep Pla impõe-se pelo rigor da investigação sobre esta figura aliciante das letras medievais. Venâncio Fortunato, além de ter escrito biografias de santos, cantou os reis merovíngios, em

panegíricos e epitalâmios, cultivou a poesia descritiva e elegíaca, a poesia epigráfica, destinada a ser gravada, sobretudo em igrejas, e ainda hinos e cânticos, que conheceram grande divulgação. Os seus modelos privilegiados foram Virgílio e Ovídio, apesar de conhecer e citar Catulo, Horácio, Propércio, Claudiano, Marcial, Juvenal, Lucano, Petrónio, Estácio.

Surge, por fim, a edição crítica dos dois primeiros livros dos *Carmina*, com um rigoroso aparato crítico, acompanhada da tradução catalã e de desenvolvidos comentários ao texto (p. 73-204). E ainda um índice geral.

O testemunho do prazer no trabalho gratificante (p. 54) foi com esta obra, no valor científico e cultural que representa, o último legado que o nosso Bom Amigo Doutor Pla nos deixou, antes de partir para o Pai.

Tudo passa, só os valores permanecem...

NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES

Consulta de un jurisconsulto antiguo. Versión de Aurelia Vargas Valencia.
México, Universidade Autónoma de México, 1991, xxvii + 64 págs.

Numa altura em que a atenção por textos antigos, do século xvi ou medievais, tem como alvo principal textos literários ou de importância particular no domínio da História, a edição de um velho documento de direito romano não pode deixar de suscitar aplauso.

Neste caso, deve ainda sublinhar-se o facto de a *Consultatio ueteris cuiusdam iurisconsulti*, de autor desconhecido, presumivelmente do século vi, ter merecido a atenção do jurista francês quincentista J. Cujas, o que permite estabelecer uma ligação, desde logo, entre duas épocas distintas e igualmente significativas — a da redacção, tempo do chamado Direito Romano Vulgar, e a da primeira recepção, se assim pode dizer-se, a sugerir que, em matéria de direito, o século xvi propendia para tempos não muito apreciados pelos humanistas.

A edição adoptada é a de Kruger (1878-1891), considerada a de maior rigor, elaborada a partir das quatro edições de J. Cujas.

É uma opção da tradutora, que se respeita. Talvez não fosse despiciendo, no entanto, ter em atenção o texto editado pelo próprio Cujas ou, no mínimo, destacar os passos em que dele se afasta o editor do séc. xix.

Quanto ao conteúdo, por certo de grande interesse para a História do Direito e da Jurisprudência, não cabe nestas páginas analisá-lo em pormenor. São nove títulos, aliás dez, cada um dos quais com resposta a um problema jurídico concreto.

Uma palavra para a tradução. Verifica-se o objectivo de adequar a expressão à língua castelhana, para que o leitor menos prevenido não seja induzido em erro (grave, sobretudo por se tratar de matéria de direito) por uma expressão latina que os tempos adulteraram. Esse é um princípio louvável.

Já merece alguma discordância o facto de se não ter optado pela normalização ortográfica, de acordo com a prática mais recente na fixação de textos latinos. Uma